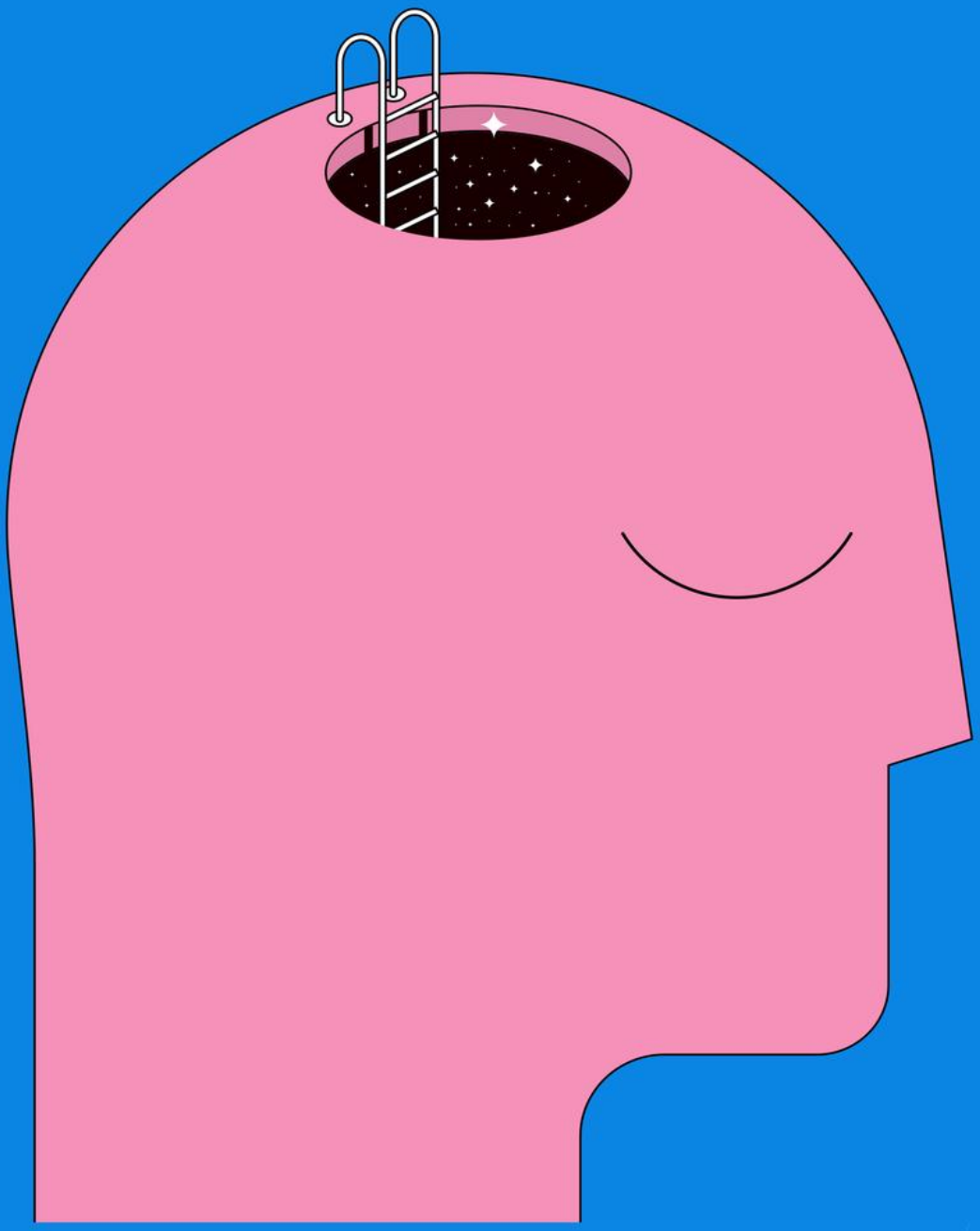
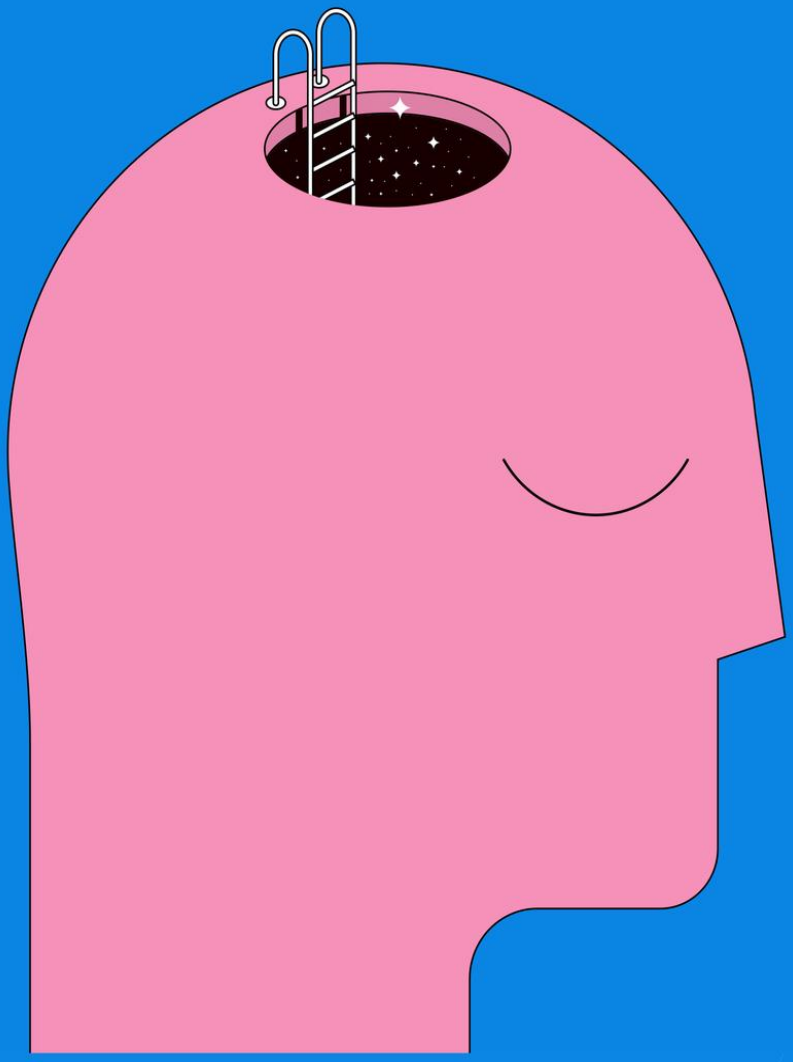
James Harvey Robinson



A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE

SAGA
EGMONT

James Harvey Robinson



A FORMAÇÃO DA MENTALIDADE

SAGA
EGMONT

James Harvey Robinson

A formação da mentalidade

SAGA Egmont

A formação da mentalidade

Translated by Monteiro Lobato

Original title: *The mind in the making*

Original language: English

Cover image: Shutterstock

Copyright © 1921, 2021 SAGA Egmont

All rights reserved

ISBN: 9788726873245

1st ebook edition
Format: EPUB 3.0

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrievial system, or transmitted, in any form or by any means without the prior written permission of the publisher, nor, be otherwise circulated in any form of binding or cover other than in which it is published and without a similar condition being imposed on the subsequent purchaser.
This work is republished as a historical document. It contains contemporary use of language.

www.sagaegmont.com
Saga Egmont - a part of Egmont, www.egmont.com

Prefacio

TEMOS aqui um ensaio — não um tratado — sobre materia da maior importancia para o homem. Embora haja custado ao autor muito mais trabalho mental que o aparente, está bem abaixo do que o tema requeria. Muitas de suas paginas deviam ser desenvolvidas em todo um volume. Este livro sugere apenas o começo do começo do que hoje está sendo tentado para alçar o pensamento do homem a um plano que talvez evite, ou reduza, os perigos que nos ameaçam em todas as direções.

James Harvey Robinson

Introdução

QUANDO pela ultima vez visitei a America, tive ensejo, em Washington, de assistir á conferencia do desarmamento, e lá me encontrei com toda a sorte de gente importante — e vi muita coisa significativa. Mas quando ao balancear o que ganhei dessa visita á America tenho de dar a preeminencia ao meu encontro com o professor JAMES HARVEY ROBINSON , cujo livro *The Mind in the Making* me causou a mais fecunda impressão.

Tenho que o professor Robinson vai ser para mim quasi tão importante quanto o foi Huxley na minha adolescencia, e William James nos anos maduros. Robinson tomou muito do que estava em estado informe em minha conciencia e modelou-o; e o espirito da escola que ele organizou deu asas a muitos dos meus sonhos. Depois da leitura de seu livro senti a mesma impressão libertadora que em outros setores obtive de Huxley e William James. Sempre me revelei curioso e intrigado pelas esculturas, escrita e mais remanescentes da mentalidade neolitica de America — as antiguidades do Mexico, Perú e America Central. Nada disto encontrei no livro de Robinson, e entretanto foi esse livro que me abriu os olhos á compreensão de todos os enigmas neoliticos que me atormentavam. Suas ideias iluminaram-me não só até onde eram projetadas como colateralmente, em muitos outros setores da minha curiosidade.

Estas confissões seriam injustificaveis, se se tratasse só de mim; mas sinto que o que aconteceu comigo — este senso de haver encontrado uma ponte que nos leva a terras

desconhecidas — deve acontecer a numerosos leitores do grande mestre. E’ possivel que já estejamos todos maduros para esta obra, com o preparo preliminar que nos deram os estudos da psicanalise e do educacionismo politico-social do ultimo quarto de seculo. Mas se Robinson não se apresenta como pioneiro, aparece com direitos a uma alta chefia.

Não sei quem foi o primeiro a dizer que o espirito humano, como produto da luta pela vida, era, na essencia, um sistema de procurar comida — e tão longe de ser um aparelho de descobrir a verdade como o focinho de porco. Creio que foi Lord Balfour, ha vinte e cinco ou trinta anos. Pois bem: é sob esta sugestão, e com profundo cepticismo a respeito da mente como aparelho para investigar a verdade, que a nova escola do pensamento nasceu. Nossa mente, que é a nossa hipotese mais fundamental, não passa de reação ás imediatas necessidades da vida, e de resultado do processo de “experiencia e erro” nas adaptações do nosso corpo; e em face de situações novas merece tanta confiança como os nossos instintos animais.

Defrontado por inumeraveis oportunidades novas, o pensamento de hoje tem de ser imensamente experimental. E, ao mesmo tempo, intrepido e ceptico. Mas a verdade é que se tem mostrado dolorosamente timido e cegamente credulo — e em excesso confiante nas ideias-força do passado.

Não tomei da pena para criticar, ou discutir, o livro do professor Robinson, que breve todas as pessoas inteligentes estarão lendo, mas para prestar meu tributo de admiração ao seu valor. Trata-se dum livro cardeal. E pergunto-me se com o tempo todos não acorrerão a ele, e á Escola de Pesquisas Sociais dele decorrente, como a uma nova iniciativa americana, muito mais séria do que a conferencia do desarmamento reunida em Washington.

H. G. Wells

§I

1. Sobre os propositos deste livro

SE alguma transformação magica ocorresse no modo dos homens verem-se a si mesmos e aos semelhantes, boa parte dos males que hoje nos afligem desapareceriam, ou remediar-se-iam automaticamente. Se a maioria das pessoas influentes tivesse as opiniões e adotasse o ponto de vista de certo numero de pessoas não influentes, mas que vêem com maior clareza, não haveria possibilidade de certas coisas como, por exemplo, outra guerra; todo o problema do “trabalho e do capital” podia ser transformado e atenuado; a arrogancia politica e a ineficiencia podiam descer abaixo do ponto perigoso.

Como um velho adagio estoico o formulou, os homens são mais atormentados pelas opiniões que têm sobre as coisas do que pelas proprias coisas em si. Isto é profundamente verdadeiro para muitos dos mais graves problemas de hoje. Estamos na posse de conhecimentos, de engenho e de recursos materiais para tornar muito melhor o mundo em que vivemos, mas varios obstaculos nos impedem de usa-los livre e inteligentemente. O objeto desta obra é demonstrar esta proposição, patentear com a maior franqueza as tremendas dificuldades que nos embaraçam a mudança de mentalidade, e apontar, da maneira mais clara possivel, os meios ao nosso alcance para conseguir isso.

Quando observamos a chocante confusão dos negocios humanos, hoje notoria em todos os paises civilizados, ainda os mais bem dotados de espirito se sentem incertos e tontos na tentativa de apreender a situação. O mundo parece pedir uma regeneração moral e economica que será

perigoso adiar, mas que é dificil de ser imaginada. A razão disto está em que a regeneração intelectual preliminar, que poria os nossos dirigentes em situação apta ao controle do curso das coisas, ainda não se realizou. Defrontam-nos condições sem precedentes e ha novos reajustamentos a se fazerem — sobre isto não ha duvida. Tambem possuimos grande soma de conhecimentos cientificos com os quais jogar — conhecimentos que nossos antepassados ignoravam. Tão novas são as condições atuais, tão copiosos os conhecimentos de que dispomos, que nos cumpre empreender a tarefa bem ardua de reconsiderar grande parte das opiniões sobre os homens e suas relações entre si, que as passadas gerações nos transmitiram — gerações que viveram em condições muito diferentes e possuiam muito menos informação do que nós, a respeito do mundo e de nós mesmos. Antes que possamos fazer isto, entretanto, temos primeiramente de criar *uma atitude de espirito sem precedentes, capaz de enfrentar condições tambem sem precedentes, e de utilizar conhecimentos absolutamente novos*. Este é o passo preliminar a ser dado, e o mais dificil — muito mais dificil do que o supõem os que admitem a possibilidade de reforma sem o abandono de certas tendencias naturais inveteradas e de habitos artificiais já muito entranhados. Como poderemos por-nos em posição de pensar em coisas que não só nunca pensamos antes como ainda são as mais dificeis de entrarem em debate? Em suma, como libertar-nos dos nossos preconceitos e *abrirmos o espirito?*

Na qualidade dum estudioso da historia que por muitos anos se empenhou em verificar como os homens adquiriram as atuais ideias e convicções sobre si proprios e sobre as relações que os ligam, cheguei á conclusão de que a historia pode lançar muita luz na confusão moderna. Não chamo historia á convencionalissima cronica dos fatos

passados e sem importancia, essa historia que nos colegios nos amarga os anos verdes, mas ao estudo de como o homem chegou a ser o que é e a pensar o que pensa.

Nenhum historiador ainda conseguiu tornar a historia clara e popular, mas certo numero de considerações são obvias, e tenho que algum dia será a historia popularizada. Chego a pensar que se uns tantos fatos historicos fossem geralmente conhecidos e aceitos, e influenciassem o nosso pensamento diario, o mundo tornar-se-ia, daqui por diante, uma coisa bem diferente do que é. Não poderiamos, então, iludir-nos da maneira simplista como nos iludimos, nem nos aproveitarmos da primitiva ignorancia de outros. Todas as nossas discussões de reformas sociais, industriais e politicas erguer-se-iam a um plano de muito maior descortino e produtividade.

Numa das brilhantes divagações com que Wells enriquece os seus romances, diz ele:

> *Quando a historia intelectual destes tempos fôr escrita, creio que nada ressaltará mais do que a enorme diferença de qualidade entre a riqueza das investigações cientificas e o pensamento comum, nos outros setores da sociedade. Não quero dizer que os cientistas sejam, em conjunto, uma classe de superhomens, lidando com as coisas e pensando a respeito de tudo melhor que o resto dos homens; mas em seus campos de trabalho eles agem com uma intensidade, uma integridade, uma intrepidez, uma paciencia, uma inteireza e uma fidelidade que — com exceção de alguns artistas — põem a sua obra fora de comparação com qualquer outra atividade... Nesta particular direção, a cientifica, o espirito humano alcançou a atitude, a veracidade, o desprendimento e o*

vigor de critica que convem generalizar-se a todos os outros campos da atividade humana.

Nem os mais superficiais conhecedores dos resultados obtidos pelas ciencias naturais nos ultimos seculos deixarão de perceber como o pensamento se tem revelado fecundo no amontoar noções sobre o Universo, desde a mais remota nebula até o menor atomo; esses conhecimentos têm sido aplicados de modo a quasi revolucionar a vida humana; mas tanto eles como a sua aplicação afiguram-se-nos apenas simples começos, com infinitas possibilidades para o diante, se a mentalidade cientifica persistir no mesmo caminho de paciencia e escrupuloso rigor.

Mas o conhecimento do homem, dos moveis de suas ações, das relações dos homens uns com os outros ou com os grupos, e do adequado dessas relações no sentido da boa harmonia, da lealdade e da paz do espirito, não revela igual progresso. Os tratados de Aristoteles sobre a astronomia e a fisica, suas noções sobre os processos quimicos e a "geração e a decadencia" já foram lançados ao mar; mas a politica e a etica de Aristoteles ainda são tidas em conta. Será que isto queira dizer que a penetração do seu espirito nas ciencias do homem era muito maior do que nas ciencias naturais, ou quererá dizer que os progressos da humanidade nas ciencias do homem e na politica permanecem estacionarios ha mais de dois mil anos? Acho que podemos com segurança, concluir pela ultima hipotese. Foram precisos tres seculos de concentração mental e de engenhosas invenções de laboratorio para que o cientista moderno pudesse enfocar a atenção nos eletrons e nas relações dos eletrons com o misterioso nucleo do atomo, ou que o embriologista pudesse observar os primeiros movimentos dum ovo fecundado. E até agora vimos muito

pouco desse apuro de observação aplicado ao conhecimento dos negocios humanos.

Se compararmos os debates no senado americano a proposito da Liga das Nações com a atitude dum mecanico de garagem, diante dum carro a concertar, o contraste nos impressiona. O mecanico pensa cientificamente; sua mira unica é aplicar o que sabe do automovel e de seu funcionamento afim de pôr em marcha aquele. Já o senador frequentemente se mostra sem nenhuma ideia da natureza e funcionamento das nações, e firma-se na retorica, e apela para vagos temores ou esperanças, ou para a animosidade partidaria. Ha um seculo que os cientistas se ocupam em revolucionar as relações *praticas* entre as nações. O oceano deixou de ser uma barreira, como nos tempos de Washington, para tornar-se ampla avenida, ligando, não mais separando, os continentes. Não obstante, o senador ingenuamente apelará para politicas de um seculo atrás, muito boas, talvez, naquela epoca, mas que hoje apenas podem servir de advertencia, não de caminho a seguir. O mecanico da garagem, entretanto, tomará o carro a concertar como esse carro é, sem permitir que nenhum respeito mistico pelas antigas formas do motor de explosão venha interferir nos reparos que tem a fazer.

Entretanto, os que lidam com os fenomenos naturais, sem relaciona-los aos negocios humanos, não conseguem facilmente o respeito e a aprovação do publico. O processo para emancipar as ciencias naturais do jugo dos preconceitos correntes, tanto dos homens cultos como dos incultos, foi processo lento e penoso, e ainda está em marcha. Se recuarmos até aos começos do seculo 17 encontraremos tres homens com o objetivo posto, acima de tudo, em defender o bom senso nas ciencias naturais. O de maior eloquencia, e de maior força persuasiva em todos os setores, foi Lord Bacon. Vem depois o jovem Descartes,

que, para liberar-se dos vincos da educação mental recebida num seminario jesuita, mergulhou na Guerra dos Trinta Anos, afim de que a luta lhe varresse do cerebro tudo quanto lhe haviam ensinado. O terceiro, Galileu, perpetrou um erro de graves consequencias ao discutir em sua lingua materna os problemas da fisica. Velho já, foi encarcerado e condenado a repetir os sete salmos de penitencia pelo crime de divergir de Aristoteles, Moisés e dos ensinamentos dos teologos. Ao saber do destino de Galileu, Descartes queimou a obra que havia escrito, *Le Monde*, receoso de tambem meter-se em apuros.

Desde essa epoca até os dias de Huxley e John Fiske a luta jamais cessou, e ainda hoje prossegue essa Guerra dos Tresentos Anos em prol da liberdade da inteligencia no estudo dos fenomenos naturais. Tem sido essa guerra um conflito com a ignorancia, a tradição e os direitos adquiridos da Igreja e da Universidade, com todo o cortejo de absurdas invectivas e crueis falsificações que caracterizam a luta contra as novas ideias criticas. Os que clamavam contra as descobertas cientificas faziam-no em nome de Deus, da dignidade humana, da santa religião e da moralidade. Hoje, entretanto, o cultivo das ciencias naturais gosa de bastante liberdade, embora ainda existam grandes organizações de fieis que calorosamente se opõem a algumas das descobertas fundamentais da biologia. Para centos de pessoas que leem a *Hereditariedade e Meio*, de Conklin, ou a *Química Criadora*, de Slosson, temos milhares e milhares de leitores da exegese de Ezequiel e do Apocalipse pelo Pastor Russell. Nos cursos escolares não é adotado nenhum compendio de historia que conte a origem animal do homem. Não obstante, os nossos cientistas lá vão realizando os seus trabalhos, e mencionam os resultados sem grande hostilidade por parte do clero ou das escolas